



A METROPOLIZAÇÃO DO ESPAÇO: O CASO DE ITACOATIARA E IRANDUBA NA REGIÃO METROPOLITANA DE MANAUS

Ilma Farias Raulino

Universidade Federal do Amazonas, Manaus, Brasil

ilmafariass18@gmail.com

Marcos Castro de Lima

Universidade Federal do Amazonas, Manaus, Brasil

castrolmar1@gmail.com

RESUMO – A Região Metropolitana de Manaus configura-se como um mosaico, incorporando a metrópole de Manaus, um polo regional de destaque no Norte, conectado tanto a níveis globais quanto regionais. Nesse contexto, coexistem áreas metropolizadas, e pequenos espaços urbanos com características ainda não influenciadas pela metrópole. Desde a institucionalização da Região Metropolitana de Manaus, a cidade expande-se além de seus limites territoriais, impulsionando a metropolização por meio das estruturas estatais e expansão imobiliária. A pesquisa em foco será guiada pelos critérios analíticos de análise comparativa para os casos dos municípios de Itacoatiara e Iranduba, relacionando ao sítio no desenrolar desse processo de metropolização do espaço, a partir da revisão de literatura, trabalho de campo e sistematização dos dados obtidos para execução do texto. Em resumo, a RMM apresenta uma diversidade de processos, destacando-se Iranduba pela sua proximidade e importância como eixo estruturante, com a Ponte Jornalista Phelippe Daou como vetor de transformação socioespacial no município. Por outro lado, Itacoatiara enfrenta desafios em relação à falta de incentivos voltados ao setor imobiliário, serviços e políticas estaduais adequadas.

Palavras-chave: Metropolização do Espaço; Região Metropolitana de Manaus; Iranduba; Itacoatiara.

THE METROPOLIZATION OF SPACE: THE CASE OF ITACOATIARA AND IRANDUBA IN THE METROPOLITAN REGION OF MANAUS

ABSTRACT – The Metropolitan Region of Manaus is configured as a mosaic, incorporating the metropolis of Manaus, a prominent regional hub in the North, connected at both global and regional levels. In this context, metropolitan areas and small urban spaces with characteristics not yet influenced by the metropolis coexist. Since the institutionalization of the Metropolitan Region of Manaus, the city has expanded beyond its territorial limits, boosting metropolization through state structures and real estate expansion. The research in focus will be guided by the analytical criteria of comparative analysis for the cases of the municipalities of Itacoatiara and Iranduba, relating to the site in the course of this process of metropolization of space, based on literature review, fieldwork and systematization of data obtained to execution of the text. In summary, the RMM presents a diversity of processes, with Iranduba standing out due to its proximity and importance as a structuring axis, with the Phelippe Daou Bridge as a vector of socio-spatial transformation in the municipality. On the other hand, Itacoatiara faces challenges regarding the lack of incentives aimed at the real estate sector, services and adequate state policies.

Keywords: Metropolization of Space; Manaus Metropolitan Region; Iranduba; Itacoatiara.

INTRODUÇÃO

À medida que adentramos o século XXI, torna-se imperativo contemplar a organização do

espaço e sua complexa dinâmica socioespacial. Nessa reflexão, inspiramo-nos nas ponderações de Lencioni (2017) para questionar até que ponto os espaços rurais estão suscetíveis à metropolização, levando-nos a considerar que a distinção entre o urbano e o rural não se mantém tão intrínseca como antes. A distinção de rural e urbano, não tem a mesma dicotomia de antes, a intensificação da capitalização do campo, a diversidade que se desenvolve no campo, junto a revolução do transporte e da comunicação, aproxima-se esses dois mundos, onde há a difusão por todo o espaço da cultura urbana, dos valores urbanos, das normas e relações sociais dominantes na cidade.

A dicotomia entre cidade e campo não se manifesta mais como uma oposição radical, mas sim como distintos, sem a hostilidade que caracterizava o passado. Essa distinção atual não se baseia exclusivamente no critério populacional ou na residência das pessoas. Portanto, baseado em Lencioni (2017) a diferenciação de rural e urbano expressa mais uma integração do que separação. Essa perspectiva, permite afirmar que a metropolização do espaço não se restringe a espaços metropolitanos, se constituindo num processo que pode alcançar cidades de diferentes portes, e algumas áreas rurais, em geral, mescladas com o urbano e que expressam hábitos culturais e valores urbanos até então exclusivos da metrópole.

O processo de metropolização, fundamental na atual organização espacial, induz transformações significativas ao espaço. Sob a perspectiva hegemônica, é a metropolização que, segundo Lencioni (2017, p. 41), "metamorfoseia o espaço," alterando sua forma, estrutura e natureza. A metropolização foi de certa forma percebida por Kayser (1969) quando ao procurar compreender as transformações no território francês faz a distinção entre espaços metropolizados e espaços não metropolizados. Ao primeiro correspondem todo espaço com fluxos bastante intensos e permanentes de pessoas, mercadorias e capitais, próprios da grande cidade, enquanto os espaços não metropolizados correspondem àqueles de maior heterogeneidade, com pouco investimentos de capital e de baixa densidade demográfica.

A questão metropolitana encontra-se presente em todo o território brasileiro, seja de forma homogênea ou não, estando, portanto, presente no contexto do espaço amazônico, no qual se encontra nas últimas décadas, em algumas partes de sua região, acompanhado pela urbanização e metropolização vistas no território brasileiro. Manaus, é um exemplo disso, sendo uma metrópole concentradora, visto a presença de um polo industrial em seu território, no qual conecta redes econômicas mundiais, que proporciona a produção e circulação de bens e mercadorias. Manaus desde a institucionalização da RMM em 2007, se expande para seus espaços mais amplos, além de seus limites territoriais, ocasionando a metropolização induzida¹ mediante estruturas estatais e expansão imobiliária.

Neste contexto, o presente texto discorrerá acerca da metropolização do espaço a partir da perspectiva da Região Metropolitana de Manaus, com foco em Iranduba e Itacoatiara, utilizando os conceitos de espaços metropolizados e não metropolizados, em meio a singularidade de uma RMM no qual a metropolização ocorre e se estabelece enquanto expressão socioespacial a partir de elementos estimulantes para este processo.

METODOLOGIA

Utilizaremos o método materialismo histórico dialético, a fim de compreender os fenômenos a partir de sua totalidade, bem como Kosik (2010, p. 98) assevera "o método [dialético] decompõe o todo, para poder reproduzir espiritualmente a estrutura da coisa e, portanto, compreender a coisa". O autor aponta que o método dialético atento para a materialidade (concreto) em movimento. Sobre este aspecto, Sposito (2004, p. 46) expõe que "o sujeito se

¹ Lima (2014) "Metropolização Induzida "se dá a partir de ações realizadas compreendendo os interesses de promotores imobiliários por meios combinados ou isolados, que induzem aos processos socioespaciais, e sobretudo, a metropolização.

constrói e se transforma vis-à-vis o objeto e vice-versa. Nesse sentido teremos as antíteses e as teses em constante contradição e movimento".

Dentro dessa perspectiva, tal método se dispõe a partir de uma visão mais crítica da realidade que estuda a sua concretude, a fim de mostrar as contradições existentes no objeto que está sendo estudado. Salvador (2012, p.102) alude que os trabalhos científicos elaborados de acordo com esse método, se dedicam à interpretação da totalidade em movimento, chegando, dessa maneira, à essência do concreto, suas contradições, as desigualdades e as possibilidades de mudança rumo a um futuro diferente do presente.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa que trabalha em conjunto com as descrições, comparações e interpretações, sendo assim ao escolher esta abordagem, os dados coletados nesta pesquisa foram analisados e interpretados de forma qualitativa. Gerhardt e Souza (2009, p. 32) colocam que:

Os pesquisadores que utilizam os métodos qualitativos buscam explicar o porquê das coisas, exprimindo o que convém ser feito, mas não quantificam os valores e as trocas simbólicas nem se submetem à prova de fatos, pois os dados analisados são não métricos (suscitados e de interação) e se valem de diferentes abordagens.

A pesquisa qualitativa apresenta aspectos da realidade, centrada na compreensão e explicação das relações sociais. Para Minayo (2001) a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Os procedimentos metodológicos adotados recorrem-se a pesquisa bibliográfica do conteúdo proposto como concerne Marconi e Lakatos (2008, p.115) "a citação das principais conclusões a que outros autores chegaram permite salientar a contribuição da pesquisa realizada, demonstrar contradições ou reafirmar comportamentos e atitudes." O referencial bibliográfico, a leitura do assunto proposto é fundamental para o enriquecimento da pesquisa, bem como alguns autores que trabalham acerca da temática

Após a sistematização da bibliografia estudada, precisa-se elaborar o roteiro de campo, a fim de esquematizar e organizar os objetos a serem vistos e analisados na visita de campo que visa "aprofundar um processo de observação e análise detalhada do real (pesquisa de campo)" (Salvador, 2012, p. 101). Assevera-se que é de suma importância a visita a campo a fim de entender a realidade, visando uma interpretação qualitativa do real, como elucida Andrade (2008) que a Geografia se faz andando e pensando.

REGIÃO METROPOLITANA DE MANAUS E SUA INSTITUCIONALIZAÇÃO

A criação da Zona Franca de Manaus possibilitou o crescimento urbano acelerado em Manaus, no qual Sousa, Lima e Santos (2022) expõe que em poucas décadas Manaus se expandiu a condição de cidade primaz, no qual estabelece feições de metrópole, visto as mudanças do modelo de desenvolvimento. Assim, Manaus exercia neste período a função de atração de fluxos, sobretudo gomíferos, no entanto, foi com o crescimento demográfico, atrelado ao processo de urbanização, no qual ampliou a Mancha Urbana de Manaus, a cidade se consolidou como referência na rede regional.

Neste contexto, a cidade se desenvolveu, e a metrópole começou a ganhar forma, em meio aos processos espaciais distintos, acarretando problemas do/no urbano. A ineficácia da gestão do espaço urbano, bem como seu planejamento, evidencia a falta de infraestrutura, a necessidade de equipamentos coletivos, para atender a demanda de uma sociedade, agora, urbana. Este processo de urbanização acelerado na cidade de Manaus, impulsionou o Estado a intervir na

infraestrutura necessária para a dinamização do urbano em Manaus. (Sousa, Lima e Santos, 2022) Vemos, portanto, o papel do Estado, bem como:

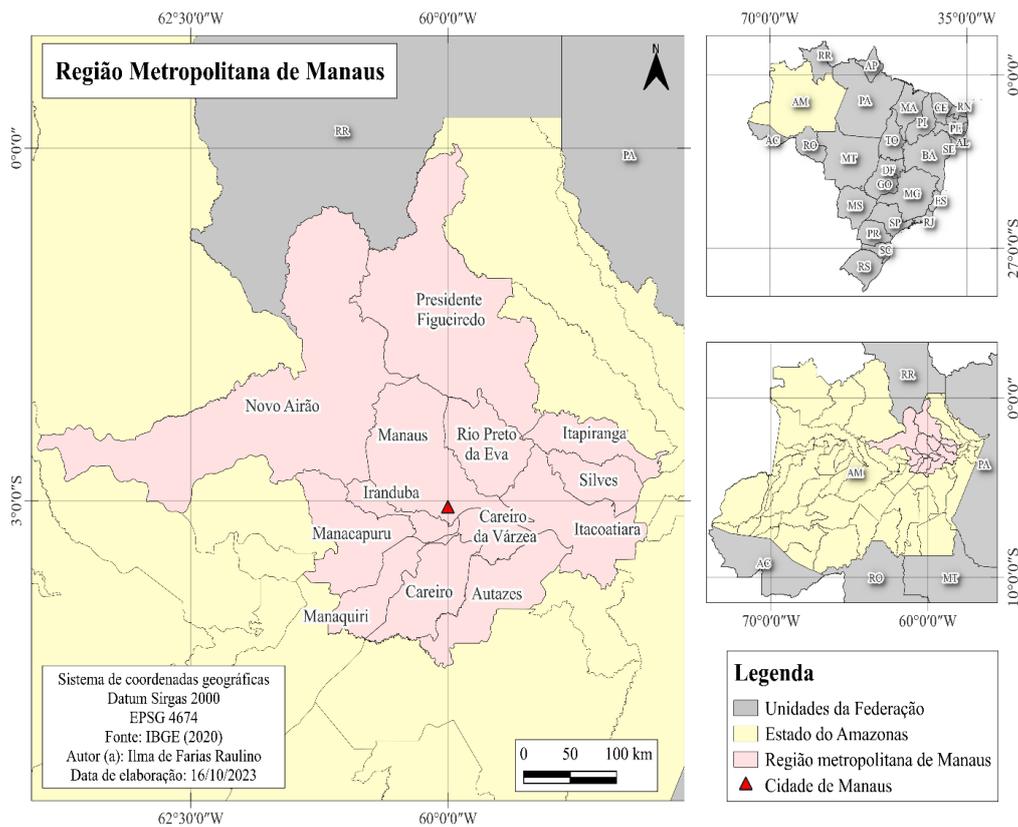
[...] é possível observar o protagonismo do estado no processo de produção do espaço em Manaus, que é notório, em razão da política de desenvolvimento regional concebida e adotada, dos investimentos feitos, os quais propiciaram, estimulam e viabilizam a cooperação de diversos outros agentes produtores que, por sua vez, articulados ao capital, buscam firmar-se, atendendo a demandas diversas, inclusive a de consolidar o próprio aparato do Estado no espaço urbano regional. Além disso, suprir demandas legítimas e instituir políticas públicas e sociais, que se traduzam em melhores condições de vida para as pessoas, resultam ainda na necessidade de construção de infraestruturas, na constante reorganização do uso e ocupação da terra e na produção, de modo amplo e diverso, do espaço e da vida. (Sousa, Lima e Santos, 2022, p. 232)

Após 40 anos da criação da Zona Franca de Manaus, a Região Metropolitana de Manaus (Figura 1) foi institucionalizada em 2007, a partir da Lei Complementar Estadual N° 52/07, que era composta apenas por sete municípios, a saber: Rio Preto da Eva, Presidente Figueiredo, Iranduba, Novo Airão, Careiro de Várzea e Itacoatiara, logo, então com a Complementar N°59 de dezembro de 2007 integrou-se Manacapuru. No entanto, em um segundo momento, com a Lei N° 64 de 2009, adicionou-se mais 5 municípios, sendo, então, integrada por 13 municípios (Mapa 1) bem como: Autazes, Silves, Manaquiri, Itapiranga, Careiro da Várzea, Iranduba, Itacoatiara, Manacapuru, Manaus, Novo Airão, Presidente Figueiredo e Rio Preto da Eva. Tendo características únicas como sua extensão que segundo o IBGE (2014) é de 127.119 km², que corresponde a três vezes o estado de Alagoas (27.778,506 km²).

Acerca de sua institucionalização, Sousa, Lima e Santos (2022) retratam que a RMM emergiu como uma região legada, institucionalizada política e juridicamente como uma realidade espacial não contígua, pois não apresenta elementos e processos geralmente presentes em outras regiões metropolitanas, como a conurbação, e sobretudo porque as áreas dos municípios que a compõem são inexpressivas, em termos de tamanho e dinâmicas econômicas, sociais, culturais, ao comparar com a cidade principal (metrópole Manaus).

[...] ao instituir a região metropolitana, dá-se início ao reconhecimento institucional das profundas mudanças socioespaciais que até o momento já eram percebidas, pois as novas destinações e usos da terra instauram fluxos e articulações antes não bastante incipientes, demandando serviços e infraestruturas diversas, que convencionalmente o território amazonense não apresentava, evidenciando um novo contexto viabilizado pela emergência de novos processos: a formação de uma metrópole institucional como resposta, mas também incentivo, ao processo de metropolização do espaço. (Sousa, Lima e Santos, 2022, p. 233)

A Região Metropolitana é caracterizada pela ausência de características metropolitanas, Lima (2021) alude que a RMM vem sendo vista desde a sua dimensão territorial superlativa, até as relações espaciais que ocorrem para dar ênfase ao processo de metropolização. Assim, evidencia-se uma metrópole em foco, e, por outro lado, uma região a ser enfatizada. O que demonstra as primeiras regiões metropolitanas no Brasil na década de 1970, no qual as regiões não apresentam metrópole, ou metrópole sem região, sendo estas legalmente instituídas pelos estados que fazem parte, fato este provido do Estatuto da Metrópole, oriundo da Lei Federal n. 13.089, de 13 de janeiro de 2015, no qual os estados continuam tendo autonomia na formação de regiões metropolitanas.

Figura 1, Mapa da Região Metropolitana de Manaus.

Org: RAULINO, Ilma de Farias, 2023.

Com base no Ipea (2013) a Região Metropolitana de Manaus não apresenta área metropolitana conurbada, mas constitui um núcleo urbano de grande importância, concentração e centralização na Amazônia Ocidental o que consolida sua posição como metrópole. Entretanto, o fato de estar contida num município de expressiva extensão territorial, não possibilitou a formação de uma ocupação urbana densa e conurbada, extravasando os limites do município. Assim, Manaus, até o ano de 2007, parecia ser um caso particular de uma metrópole sem região metropolitana.

Lima (2014) em sua pesquisa acerca da institucionalização da RMM retrata que há três dimensões (político-jurídico-ideológico) que são antepostas ao processo de Metropolização, onde se denomina de “Metropolização Induzida”, a partir de ações realizadas compreendendo os interesses de promotores imobiliários por meios combinados ou isolados, que induzem aos processos socioespaciais, e sobretudo, a metropolização.

A METROPOLIZAÇÃO DO ESPAÇO: BREVE APROXIMAÇÃO TEÓRICA

Entendido o conceito de processo como uma sequência de eventos e fenômenos conectados por relações de causa e efeito, é importante primeiro definir o termo metropolização. Inicialmente, consideramos que a metropolização está associada à presença de uma metrópole. Uma metrópole é, essencialmente, uma cidade de grande porte em termos de população e caracterizada por uma ampla gama de funções urbanas especializadas e diversificadas. A concentração populacional nesse contexto permite uma significativa divisão do trabalho e a produção de uma variedade de bens e serviços, o que amplia sua influência sobre uma extensa área circundante. Esta influência, por sua vez, impulsiona o desenvolvimento das funções urbanas da metrópole, alimentado pelo mercado que ela representa. (Galvão *et al.*, 1969)

Iniciar a discussão da metropolização do espaço, nos remota a pensar bem como Firkowski (2020) retrata que a dimensão regional na contemporaneidade ganhou bastante destaque, e com isso, leva-nos a tentar compreender a realidade urbano-metropolitana. Percorrendo a urbanização que proporcionou novas expressões espaciais sobre o espaço, referenciado assim:

Fomos acostumados a ver o mundo de modo binário. Na tradição dos estudos urbanos, o que não é urbano é rural, o que não é cidade é campo e o município sempre foi considerado um recorte territorial adequado para a captura do real. Contudo, vivemos hoje um outro momento, aquele onde os fenômenos só se explicam pela multiplicidade de olhares, variáveis e elementos. Nesse mundo, a cidade deixa de ser um ponto, situado no interior de um município, para ser uma aglomeração dispersa por vários municípios, alcançando, em muitos casos, uma dimensão regional. (Firkowski, 2020, p. 18)

Portanto, em meio a essas mudanças espaciais na contemporaneidade, a metrópole se transforma, e com isto a metropolização do espaço também passa por essa grande transformação, no qual, hoje, fala-se em uma metropolização estendida, em uma metrópole dispersa, extensa, com bordas e limites cada vez mais remotos, difusos e imprecisos. (Soares, 2018)

A metropolização, de maneira geral, implica em diversos processos mais amplos, entre eles, os de concentração, dos capitais, da população, dos bens materiais e imateriais, da decisão, da gestão e da informação, na difusão ou de expansão da metropolização, ou a chamada “metropolização do espaço” e, como resultado, a dualização, com o aumento das desigualdades territoriais entre os territórios metropolitanos e/ou “metropolizados”, e os territórios não integrados ou excluídos da metropolização. (Leroy, 2000 *apud* Soares, 2018)

Lencioni (2017) parte para discussão da metropolização para além da metrópole, no qual observa que a metropolização bem como Ascher (1995) retrata não se restringe às áreas metropolitanas, apresentando dimensão cultural, tendo alterações profundas na cultura mercantil que atinge todas as esferas da vida e incide sobre os espaços de toda ordem, e então é certo afirmar justamente que os hábitos culturais e valores urbanos próprios da metrópole se difundem para além dela. Nas pequenas e médias cidades, por exemplo, podem encontrar hábitos culturais e valores que antes eram próprios e exclusivos daqueles que viviam nas metrópoles. De maneira geral, o processo de metropolização imprime características metropolitanas ao espaço, transformando as estruturas preexistentes, independentemente desses espaços serem ou não metrópoles, podendo incidir entre espaços metropolitanos ou não.

Estamos vivendo um novo contexto cujo processo dominante é o de metropolização do espaço. Este processo corresponde a um momento mais avançado do processo de urbanização, sem significar, contudo, que não haja mais o processo de urbanização. Este continua existindo e transformando o território; no entanto, é o processo de metropolização que se constitui numa determinação histórica da sociedade contemporânea. Esse processo é expressão de uma nova época, na qual a metrópole se coloca ao mesmo tempo como uma condição para a reprodução do capital, um meio utilizado para a sua reprodução e, ainda, um produto do próprio capital. Isso, num quadro de profundas alterações na dinâmica do capital imobiliário e financeiro, como estratégias de renovação da reprodução capitalista (Lencioni, 2011, p. 136, *apud*, Firkowski, 2013, p. 30).

Soares (2018) reafirma, portanto, que a metropolização do espaço não se restringe as regiões metropolitanas, já que incorpora cidades médias, cidades pequenas e o “mundo” rural, hoje transformado e incorporando urbanidades (o rururbano?). As alterações e influências da

metrópole na organização do espaço são notórias, transformando a cultura, os hábitos e o modo de vida dos habitantes de pequenas e médias cidades.

Lencioni (2017) explicita que anteriormente essas características eram exclusivas das metrópoles, essa mudança reflete a difusão de valores e padrões urbanos, uma manifestação do processo de metropolização que ultrapassa as fronteiras das grandes cidades, alcançando espaços urbanos de menor porte. Essa metamorfose cultural evidencia como a influência da metrópole transcende os limites físicos da própria metrópole, impactando comunidades em uma escala mais ampla.

O processo de metropolização está ligado ao intenso fluxo de pessoas, riquezas, mercadorias, bem como explicitado:

A mobilidade das pessoas e dos bens e serviços materiais e imateriais; a diversidade espacial das cidades-territórios ligadas a metropolização e a grande dimensão das áreas abrangidas; o alargamento das bacias de emprego; o grande tamanho das bacias midiáticas, culturais, de consumo e de serviços (Ferrier, 2001, P. 43, *apud*, Firkowski, 2013, p. 29).

A metropolização do espaço, sendo essa a segunda natureza da urbanização (Lencioni, 2017), comporta mudanças profundas, bem como: a formação de uma região urbana com ampla escala territorial; a constituição de espaços homogêneos, hierarquizados, fragmentados e segregados; a redefinição das hierarquias urbanas intra e inter-regionais; a intensidade e diversidade dos fluxos materiais e imateriais intrametropolitanos e entre a metrópole e outras regiões urbanas. (Soares, 2018)

Uma área metropolitana seria um conjunto de municípios integrados econômica e socialmente a uma metrópole, principalmente por dividirem com ela uma estrutura ocupacional e uma forma de organização do espaço característica e por representarem, no desenvolvimento do processo, a sua área de expansão próxima ou remota. Um conjunto de problemas de interesse comum, principalmente os de infra-estrutura econômica e social, criam as motivações para a organização de instituições que procurem resolver ou orientar a solução dos problemas que tal concentração populacional pode criar. (Galvão *et al.*, 1969, p.56)

Todo o processo de metropolização até aqui descrito nada mais é que o próprio processo de urbanização que, a partir de certo momento, atinge um estágio de maior complexidade. A partir do exposto a metropolização exige o avanço da circulação em geral, visando tornar os deslocamentos de pessoas e mercadorias mais fluentes, bem como promover a circulação de informações e comunicações, buscando, assim, aumentar a interatividade e a interconectividade entre os lugares (Lencioni, 2020). Por fim, é importante enfatizar a metropolização sendo responsável por promover a homogeneização de hábitos e valores metropolitanos, independentemente do local onde ele ocorra.

OS ESPAÇOS METROPOLIZADOS E NÃO METROPOLIZADOS: UMA ANÁLISE CONCEITUAL

A metropolização foi percebida por Kayser (1969) ao procurar compreender as transformações espaciais no território francês, e fez a distinção entre espaços metropolizados e não metropolizados. A priori, o primeiro corresponde a todo espaço no qual os fluxos são intensos e permanentes de mercadorias, pessoas e capitais, sendo próprios da grande cidade, enquanto os espaços não metropolizados correspondem aqueles de maior heterogeneidade, com pouco investimento de capital e de baixa densidade demográfica.

Kayser (1969) não utiliza em si o termo “metropolização”, e sim, a ideia de espaços

metropolitanos à grande cidade, tendo como referência de suas reflexões o território francês, onde por meio das grandes cidades procura organizar o espaço urbano buscando o equilíbrio visto o grande peso de Paris. Portanto, o autor expõe que as metrópoles de equilíbrio e suas zonas de influência constituem em espaços metropolizados. E os demais espaços, ele chama de espaços restantes, que seria o que denomina de espaços não metropolizados, que constituem sua grande preocupação intelectual.

A partir da visão do autor acima, Lencioni (2017) aponta que não deve classificar os dois espaços em definições dicotômicas:

Essa distinção analítica se constitui num recurso metodológico que pode ser muito profícuo, desde que não se construa uma distinção estanque: de um lado, espaços metropolizados; de outro, espaços não metropolizados, sem perceber as nuances e graduações entre um e outro. É importante afirmar, então, que os espaços metropolizados e não metropolizados não constituem uma dualidade espacial, não são antagônicos, não são excludentes e nem contrapostos (Lencioni, 2017, p. 42).

Seguindo esta perspectiva Lencioni (2017) ao citar a ideia de Kayser, acrescenta, onde que os espaços metropolizados apresentam características e aspectos similares, aos da metrópole, mesmo que em escala menor, desenvolvimento de atividades de gestão e administração, assim como de centros comerciais e de serviços, bem como forma de consumir e viver semelhante à da metrópole. Assim significa dizer que tais espaços não são exclusivos à metrópole, onde podemos encontrá-los fora das metrópoles, bem como expõe:

Eles tendem a se apresentar mais intensamente junto a um núcleo metropolitano, mesmo sendo esse de porte regional. O que a paisagem revela, de fato, são mosaicos de espaços metropolizados confundidos com o de espaços ainda não metropolizados e, à medida que se vai distanciando das áreas de maior densidade de pessoas, mercadorias e fluxos, os espaços não metropolizados vão se impondo aos metropolizados. (Lencioni, 2017, p. 43).

Nas reflexões abordadas, Lima (2022) permite pensar que não é mais possível separar rigorosamente espaços metropolizados e não metropolizados, retratando a analogia de não poder admitir totalmente a rigidez de separação entre o urbano e rural, pois o urbano enquanto modo de vida pode se expandir para além do espaço da cidade, se estendendo e chegando para além dos seus limites territoriais.

Lima (2022) aponta que as características apresentadas por Kayser que definem os espaços metropolizados e não metropolizados sustentam os níveis de interação da metrópole com sua área de influência, portanto as abordagens apontadas estão voltadas a dimensão socioespacial quando considera esses níveis de interação.

À medida que se espalha pelo espaço, a metropolização carrega hábitos e valores sociais que antes estavam associados principalmente à vida nas grandes cidades. Lencioni (2017) retrata que mesmo as pessoas que vivem em áreas rurais, bem como aquelas em comunidades costeiras, como os caiçaras e ribeirinhos que residem em palafitas ou casas flutuantes, encontram e incorporam elementos culturais e valores que consideram modernos e contemporâneos, mesclando essas influências com seus modos de vida tradicionais. A metropolização atinge essas pessoas no que se refere a sinais e significados, o que são importantes, pois muitas vezes se associa a metropolização apenas a aspectos materiais, negligenciando os aspectos sociais e culturais, como os hábitos e valores que a acompanham.

Seguindo o raciocínio, Lencioni (2017) contribui que embora a metropolização seja mais evidente e intensa na expansão das metrópoles e na urbanização dispersa que caracterizam grandes áreas urbanas, é importante observar que esse fenômeno não se limita apenas a essas

formas e contextos. Seria, sobretudo, a simplificação equivocada de entender a metropolização como o resultado exclusivo da transformação de espaços urbanos e metropolitanos, bem como restringir seus impactos apenas a essas áreas urbanas.

Kayser (1969) observa que os processos sociais e espaciais produzem espaços metropolizados e não metropolizados. Lencioni (2017) retrata que não devemos esquecer que a metropolização produz, o que é mais inerente, o espaço metropolitano, sendo este não citado anteriormente por Kayser. Assim, a produção do espaço metropolizado, do espaço não metropolizado e do espaço metropolitano constituem a tríade da metropolização, que se apresenta como uma totalidade dialética que não se encerra em si, mas se relaciona sobretudo com outras totalidades.

[...] espaços metropolizados são espaços que assumem aspectos e características similares, mesmo que em menor escala, aos da metrópole, quer dizendo respeito aos investimentos de capital, ao desenvolvimento das atividades de serviços com sua correlata concentração e trabalho imaterial, ou, ainda, relacionados ao desenvolvimento das atividades de gestão e administração. Podem, também, apresentar outros aspectos, como a tendência ao desenvolvimento de vários centros comerciais e de serviços, a forma de consumir e viver semelhante à da metrópole, bem como uma densidade significativa de redes imateriais e a presença bastante visível dos socialmente excluídos. [...] Isso significa dizer que podemos encontrar espaços metropolizados fora das metrópoles [...] (Lencioni, 2017, p. 43).

Em síntese, a metropolização, segundo Lencioni (2020) se constitui numa associação de processos sociais e espaciais que se relacionam com a reestruturação do capital e do espaço que revoluciona e metamorfoseia o urbano, coexistindo com antigos processos de urbanização. Explicitando de maneira geral que:

Ao desenvolver a reprodução do capital na sua relação com a produção do espaço dá sobrevida ao capitalismo, tanto pela emergência de dinâmicas novas para sua reprodução, como pela renovação de estratégias de formação de capital que sempre lhes foram instrumentais na apropriação e produção do espaço, tais como, a expropriação, o desapossamento e a espoliação, renovando contradições e conflitos.

Considerando o pensamento de Lencioni (2020) reproduz que a metropolização se destaca de maneira mais proeminente nas metrópoles e nas grandes cidades. Por esse motivo, seu desenvolvimento tende a concentrar a riqueza nas cidades mais importantes, a expandir suas áreas urbanas, a promover a formação de conurbações e a integrar espaços diversos e desconexos, como áreas rurais, naturais e de lazer, resultando em múltiplas áreas centrais.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A Região Metropolitana, caracterizada por sua singularidade devido à falta de características urbanas típicas do restante do Brasil, tem sido objeto de análises que destacam seu tamanho impressionante, e também a ausência de uma área urbana coesa em torno da conurbação, o que reflete relações complexas que enfatizam o processo de metropolização do espaço. As características metropolitanas deixam marcas distintas no território, alterando estruturas pré-existentes, independentemente de estarem na própria metrópole ou em áreas adjacentes. Essas mudanças incluem um aumento significativo nos fluxos de pessoas, mercadorias e investimentos, bem como um crescimento notável nas atividades de serviços e na demanda por trabalho intelectual e outras formas de trabalho imaterial.

A partir do arcabouço teórico debruçado até aqui, constata-se que a diversidade da Região Metropolitana de Manaus é notória, uma vez que existem espaços metropolizados e espaços não metropolizados, mesmo que sejam considerados espaços metropolitanos consoante as

definições legais, e com isso gradualmente se metropolizando por meio das iniciativas políticas ligadas ao crescimento econômico, com o Estado e o setor Imobiliário desempenhando um papel central (LIMA, 2014).

O foco da pesquisa é nos municípios de Iranduba e Itacoatiara, ambos compõem a Região Metropolitana de Manaus, no entanto, estabelecem dinâmicas totalmente distintas. O município de Iranduba encontra-se apenas a 38 quilômetros da metrópole Manaus, e apresenta uma série de transformações socioespaciais significativa ao longo dos últimos anos. É possível observar claramente a influência tanto do Estado quanto do capital na moldagem do espaço urbano no município de Iranduba. Diversas iniciativas e projetos de grande porte corroboram essa afirmação, como a construção da Ponte Jornalista Phelippe Daou em 2011, a duplicação da Rodovia AM-070 entre 2013 e 2021, e o projeto da Cidade Universitária, embora inacabado, teve um impacto significativo no mercado imobiliário da região durante o período em que foi anunciado.

Esses empreendimentos são exemplos claros de como o poder público e o setor privado atuam de forma conjunta na transformação e desenvolvimento urbano de Iranduba. A Ponte Jornalista Phelippe Daou (Figura 2), por exemplo, além de melhorar a conectividade e facilitar o acesso entre Manaus e Iranduba, impulsionou o crescimento econômico e a valorização imobiliária na região. Da mesma forma, a expansão da Rodovia AM-070 (Figura 2) teve um impacto direto na infraestrutura viária, promovendo o desenvolvimento econômico e social do município.

Figura 2. A) Ponte Phelippe Daou; B) Duplicação da Rodovia AM-070.



Fonte: PORTO, R. 2015.

Já o projeto da Cidade Universitária (Figura 3), apesar de não ter sido finalizado, por diversos entraves políticos, trouxe uma série de expectativas e investimentos para a área, demonstrando o potencial de crescimento e desenvolvimento, influenciado pela Ponte Phelippe Daou que promove o deslocamento eficiente entre Iranduba e Manaus. Essas iniciativas, portanto, evidenciam o papel ativo do Estado e do capital na reprodução do espaço no município.

Figura 3. As ruínas do que restou da Cidade Universitária em Iranduba/AM

Fonte: Adneison Severiano/g1, 2021.

As operações imobiliárias desempenham um papel crucial na reestruturação produtiva do território, conforme apontado por Mattos (2000), sendo fundamentais para a reprodução do capital. Essas operações não se limitam a simples transações comerciais; elas fazem parte de um processo mais amplo de transformações socioeconômicas e territoriais. No contexto de Iranduba, a construção da Ponte Philippe Daou é um exemplo marcante dessas dinâmicas, pois com sua construção, diversas empresas do setor imobiliário (Figura 4) se instalaram ao longo da rodovia AM-070. Elas adotaram estratégias de marketing que destacam o "viver urbano" sem os desafios típicos das cidades, promovendo a ideia de proximidade sem os problemas urbanos tradicionais, como apontado por Lima (2014). Essa abordagem valoriza as atividades incorporadas, contribuindo para uma reconfiguração do espaço urbano na região de Iranduba, ao longo da Rodovia AM-070.

Figura 4. A) Lotes de Terra com a construção de moradias de empresas do setor imobiliários;
B) Marketing de empresas do setor imobiliário a fim de atrair moradores.



Foto: Registros de trabalho de campo, 2023.

A duplicação da AM-010 realizada nos últimos anos demonstra o crescimento do fluxo de pessoas, mercadorias, e sobretudo, novos empreendimentos e novas obras na região, favorecendo de maneira direta os municípios de Rio Preto da Eva, Itacoatiara e Manaus. E desta forma, facilita do escoamento da produção agrícola e industrial, o acesso a serviços públicos e privados, além do desenvolvimento de atividades turísticas. Essas estratégias de modernização (Figura 6) e integração, demonstra os indícios dos fragmentos metropolitanos, sendo importante evidenciar Lima (2014) que nos leva a refletir sobre a complexidade e a abrangência da metropolização, que vai além das fronteiras físicas das metrópoles e se estende para os diversos espaços urbanos, influenciando suas dinâmicas e características de forma variada, mas marcante.

Figura 6. A) Outdoor anunciando a modernização nas obras ao longo da Rodovia AM-010 (trecho de Itacoatiara); B) Placa anunciando a recuperação do sistema viário em Itacoatiara.

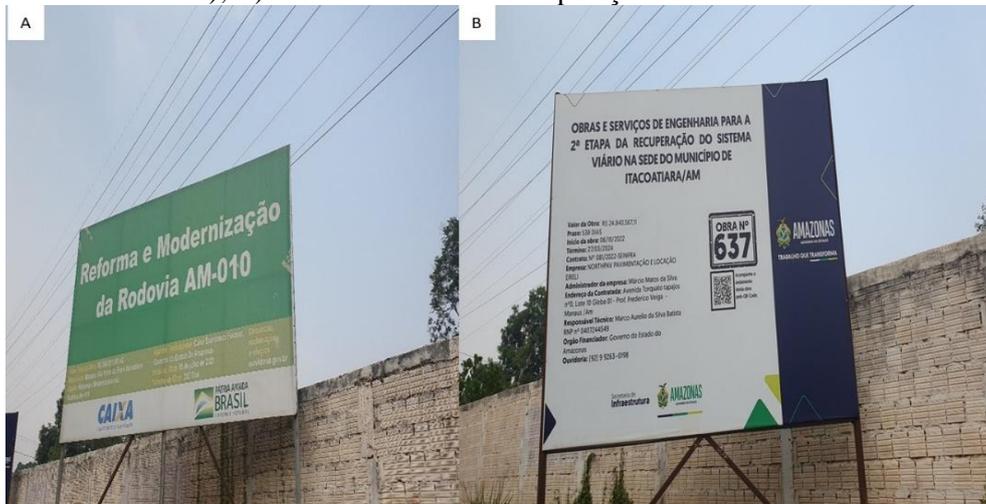


Foto: Registros de trabalho de campo, 2023.

Embora as grandes incorporadoras imobiliárias não estejam uniformemente distribuídas ao longo da Rodovia AM-010, como ocorre na AM-070, foi possível observar, na rodovia da cidade de Itacoatiara (Figura 7), alguns incentivos direcionados à construção de condomínios e

empreendimentos residenciais. Esses incentivos estão relacionados a políticas locais de desenvolvimento urbano que está caminhando em passos lentos, em meio às demandas da população por moradias mais modernas e aos potenciais investimentos na região. Esse cenário evidencia um movimento gradual de interesse no setor imobiliário em Itacoatiara, mesmo que não esteja tão amplamente difundido como em Iranduba. Esses investimentos podem contribuir para o desenvolvimento socioeconômico da cidade, gerando empregos, melhorando a infraestrutura urbana e oferecendo opções habitacionais mais diversificadas para os moradores locais.

Figura 7. A) Placa de venda de lotes em Itacoatiara; B) Propaganda de lotes de terra.



Foto: Registros de trabalho de campo, 2023.

Por fim, não podemos mais delinear de forma rígida espaços metropolizados e não metropolizados, pois o estilo de vida urbano pode existir além dos limites geográficos da cidade. Essa perspectiva mostra como a dinâmica socioespacial contemporânea ultrapassa fronteiras tradicionais e demanda uma visão mais ampla e integrada do espaço e da vida urbana. Lima (2024) ressalta a complexidade da dinâmica metropolitana na Região Metropolitana de Manaus (RMM) e seus municípios, destacando que essa dinâmica não é uniforme e afeta cada localidade de forma desigual.

A Região Metropolitana de Manaus (RMM) exibe uma considerável diversidade em seu contexto socioespacial. Em um aspecto, encontramos áreas que demonstram um rápido avanço metropolitano, impulsionado pelo Estado e pelo setor imobiliário, especialmente na região sul da RM, em direção a Iranduba. Porém, por outro lado, existem espaços que não acompanharam de maneira homogênea essa dinâmica, como em Itacoatiara, apesar de ser um centro portuário importante, a dinâmica é distinta devido à sua distância da metrópole e à ausência de políticas metropolitanas que estimulem esse processo, carecendo das condições necessárias para a reprodução do capital por meio de iniciativas estatais ou do setor imobiliário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A compreensão da organização do espaço e de sua dinâmica socioespacial se torna cada vez mais crucial nos dias atuais. A distinção tradicional entre espaços urbanos e rurais, cuja separação parece estar se tornando menos clara. A crescente urbanização nas áreas rurais, aliada aos avanços nos transportes e na comunicação, está aproximando esses dois mundos, difundindo cultura urbana,

valores e normas sociais por todo o território. Hoje, a distinção entre cidade e campo não é mais uma dicotomia radical, mas sim uma diferenciação marcada pela integração.

A cidade de Manaus destaca-se como o principal núcleo metropolitano nessa vasta região, caracterizando-se pela sua alta densidade populacional, diversidade de serviços e significativa produção de riquezas. Dentro do contexto intrarregional da Região Metropolitana de Manaus (RMM), encontramos Itacoatiara, localizada a leste, que se configura como um centro secundário intimamente ligado à dinâmica portuária de grãos, integrando a rede urbana sob influência direta da cidade de Manaus. Por outro lado, a área sul do núcleo metropolitano, onde está situado Iranduba, emerge como uma região de maior influência das dinâmicas associadas à metropolização do espaço, especialmente após a conclusão da Ponte Jornalista Phelippe Daou em 2011, que rompeu a descontinuidade espacial trazida pelo Rio Negro, possibilitando o fluxo contínuo entre a metrópole e a margem direita deste rio.

Nesse contexto, a metropolização não se limita mais apenas às áreas metropolitanas, estendendo-se também a cidades de diferentes tamanhos e até mesmo a algumas áreas rurais. Essa visão ampliada da metropolização não apenas transforma o espaço, mas também reconfigura sua forma, estrutura e natureza. Essa realidade é evidente mesmo em regiões distantes, como o espaço amazônico, onde cidades como Manaus se tornam centros de convergência de fluxos econômicos globais, impulsionando a urbanização e a metropolização.

Ao analisar a Região Metropolitana de Manaus (RMM), especialmente com foco em localidades como Iranduba e Itacoatiara, percebemos como os conceitos de espaços metropolizados e não metropolizados se entrelaçam, revelando uma complexa expressão socioespacial que reflete os estímulos e desafios desse processo.

Em resumo, a RMM apresenta uma diversidade de processos, destacando-se Iranduba pela sua proximidade e importância como eixo estruturante, com a Ponte Phelippe Daou como vetor de transformação socioespacial no município. Por outro lado, Itacoatiara enfrenta desafios em relação à falta de incentivos voltados ao setor imobiliário, serviços e políticas estaduais adequadas.

AGRADECIMENTOS

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas pela concessão de bolsa de mestrado.

REFERÊNCIAS

- ASCHER, F. *Metápolis ou l'avenir dès villes*. Paris: Odile Jacob, 1995. 350 p.
- Braga, Eduardo Henrique Freitas. *A (re)produção da metrópole na Amazônia: Manaus, a cidade que atravessa o rio*. Dissertação de Mestrado da Universidade Federal do Amazonas. Manaus: set., 2019.
- FIRKOWSKI, Olga L. C. F. *Metrópoles e Regiões Metropolitanas no Brasil: Conciliação ou divórcio?*. In: FURTADO, Bernardo A.; KRAUSE, Cleandro; FRANÇA, Karla C. B. *Território metropolitano, políticas municipais: por soluções conjuntas de problemas urbanos no âmbito metropolitano*. Brasília: Ipea, 2013. p. 21-52
- FIRKOWSKI, Olga Lúcia Castreghini Freitas. *Elementos para a compreensão da dimensão regional do urbano-metropolitano na atualidade*. *Confins*, n. 44, p. 1 – 21, 2020. Disponível em: <https://journals.openedition.org/confins/27547>. Acesso em: 21 jan, 2024.
- GALVÃO, M. et al. *Áreas de pesquisa para determinação de áreas metropolitanas*. *Revista brasileira de geografia*, Rio de Janeiro, v. 31, n. 4, p. 52-127, 1969.
- GERHARDT, Tatiana Engel; SOUZA, Aline Corrêa de. *Aspectos teóricos e conceituais*. In: *Métodos de pesquisa*. (org.) GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. Universidade Aberta do Brasil – UAB, Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

IPEA – Instituto de Pesquisa econômica aplicada. Rediscutindo a delimitação das Regiões Metropolitanas no Brasil: Um exercício a partir dos critérios da década de 1970. Rio de Janeiro: Ipea, 2013. 50p.

KAYSER, Bernard. L' espace non-metropolisé du territoire français. Revue Géographique des Pyrénées et du SudOuest, n. 4, p. 371-378, 1969.

LENCIONI, Sandra. Metrópole, metropolização e regionalização. Rio de Janeiro: Consequência, 2017.

LENCIONI, Sandra. Metropolização. GEOgraphia, Niterói, vol.22, n.48, p. 173-178, 2020.

LIMA, Marcos Castro de. Análise da relação entre o Plano Diretor Integrado da Região Metropolitana de Manaus e a ação político-jurídico-ideológica na produção de um novo espaço. GeoAmazônia, Belém, vol. 10, n. 20, p. 158-177, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/geoamazonia/index>. Acesso em: 12 out. 2023.

LIMA, Marcos Castro de. Quando o amanhã vem ontem: a institucionalização da região metropolitana de Manaus e a indução ao processo de metropolização do espaço na Amazônia ocidental. Tese (Doutorado em Geografia Humana) defendida junto à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo: set., 2014.

LIMA, Susane Patrícia Melo de. A metropolização regional periférica aquém da metrópole: A Região metropolitana de Manaus vista do lado de cá. Tese (Doutorado em Geografia) defendida junto à Universidade Federal do Amazonas. Manaus: jan. 2024.

LIMA, Susane Patrícia Melo de. Neoliberalismo, Território e a Região Metropolitana de Manaus – Nos entremeios de uma “região incomum” e o comum como princípio da geopolítica da metropolização. In: SILVA, Anderson Lincoln Vital da. Estudos em Ciências Humanas e Sociais – Vol. 1. Belo Horizonte – MG: Poisson, 2021. p. 53-68.

MARCONI, Marina de Andre; LAKATOS, Eva Maria. Metodologia do trabalho científico: procedimentos básico, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos. 7. Ed. São Paulos: Atlas, 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

SALVADOR, Diego Salomão. A Geografia e o método dialético. Sociedade e Território, Natal, v. 24, nº 1, p. 97 - 114, jan./jun. 2012.

SEVERIANO, Adneilson. Entre ruínas e destroços, obras na Cidade Universitária seguem paradas em Iranduba. Jornal G1, 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2021/11/02/video-entre-ruinas-e-destrocos-obras-na-cidade-universitaria-seguem-paradas-em-iranduba.ghtml>. Acesso em: 15 mar. 2024.

SOUSA, Isaque dos Santos; LIMA, Susane Patrícia Melo de; SANTOS, Tiago Velos dos. A produção do espaço metropolitano em Manaus: o Estado, as ações e a configuração da metrópole regional. In: LEOPOLDO, E.; LIM, M.C; SOUSA, I.S. (orgs.). A produção do Espaço Urbano e Regional na Amazônia. Rio de Janeiro: Consequência, 2022. p. 233-253.

SOUSA, Isaque. A ponte Rio Negro e a Região Metropolitana de Manaus: adequações no espaço urbano-regional à reprodução do capital. Tese (Doutorado em Geografia Humana) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2013.

SPOSITO, Eliseu Savério. Geografia e Filosofia: contribuição para o ensino do pensamento geográfico. São Paulo: UNESP, 2004.